
A vivência da reforma agrária nos assentamentos

Marisa de Fátima Lomba de Farias

O livro *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos* chama a atenção por trazer à discussão um tema de relevância no contexto brasileiro. O volume discute as potencialidades e as limitações da reforma agrária no país, considerando-a uma alternativa nem sempre positiva aos sujeitos sociais – mulheres e homens – para os quais as políticas públicas são direcionadas. Em *Travessias*, são apontados os resultados de pesquisas que demonstram, de modo articulado, a diversidade da vida brasileira. Os capítulos apresentam estudos de caso realizados entre os anos de 2001 e 2002 em cinco estados: Paraná, São Paulo, Goiás, Pernambuco e Pará. Os capítulos compilados no livro e os seus respectivos autores são os seguintes: *Assentamento Sepé Tiaraju: persistências do passado, fragmentos do presente* de Eliane Cardoso Brenneisen; *Assentamento Bela Vista, a peleja para ficar na terra* de Maria Aparecida Moraes Silva; *Rio Paraíso, o paraíso conquistado* de Maria da Conceição Quinteiro; *“Morar e trabalhar”: o ideal camponês dos assentamentos de Pitanga (estudo de caso no Nordeste)* de Maria de Nazareth Baudel Wanderley e *Direitos e projetos: uma leitura sobre a implantação de assentamentos no Sudeste do Pará* de Sônia Barbosa Magalhães.

Marisa de Fátima Lomba de Farias é professora da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD (marisa.lomba@ufgd.edu.br).

Os textos foram reunidos por José de Souza Martins que os apresenta no capítulo I, intitulado *O sujeito da reforma agrária (estudo comparativo de cinco assentamentos)*. Nele, o autor registra seu olhar sobre os cinco estudos de caso, com o objetivo de orientar o(a) leitor(a) na compreensão das ambigüidades e das contradições que marcam as travessias da luta pela terra rumo “uma certeza onde a incerteza é maior”.¹ Sem delimitações e/ou recortes, Martins analisa o prelúdio de travessias ainda inacabadas (os acampamentos) até o lugar da morada (os assentamentos), considerando os “fragmentos do presente”, a “peleja para ficar na terra” e as dificuldades para “morar e trabalhar” em um “paraíso” onde os “direitos e projetos” nem sempre são alcançados, como almejava concretizar vida digna quem era da terra e a ela desejava retornar. Para desenhar a realidade existente nos assentamentos, José de Souza Martins e as demais autoras, por um lado, demonstram uma sensibilidade que os compromete com os sujeitos sociais. Por outro, apresentam uma postura teórica e crítica que ouve as vozes e as faz ressoar, revelando, assim, as incongruências e as múltiplas contradições do processo da reforma agrária brasileira.

Sem negar a utilização de análises quantitativas, as autoras/pesquisadoras empregam metodologias qualitativas, perceptíveis na construção das sínteses de todas as informações colhidas no processo investigativo, particularmente quanto às entrevistas e às histórias de vida. Isso imprime aos textos um caráter relacional e comparativo, mas, simultaneamente, suave, concreto e significativo. Essa opção teórica e metodológica faz pensar a importância da realização de pesquisas de campo que contemplem um olhar teoricamente informado e, ao mesmo tempo, sensível e atento.

¹ As palavras e trechos entre aspas foram retirados do próprio livro.

A vivência da reforma agrária nos assentamentos

Nos cinco estudos de caso, as reflexões apresentadas pelas autoras se situam em um contexto histórico e social, contemplando desde décadas anteriores a 1980 até o tempo presente, versando sobre o movimento das ações e das representações das pessoas que fazem a travessia e buscam um novo cenário. Essas pessoas são demandantes de terra que almejam o reconhecimento de um direito, de um sonho ou dos muitos sonhos que a imaginação é capaz de compor.

Os textos trazem à tona o “retrato social dos sujeitos sociais” sem manipulações nem idealizações. As suas autoras analisam as pessoas em sua concretude e incompletude, com temporalidades e dinâmicas distintas e, ainda, com trajetórias incertas, sonhos desfeitos, memórias “esfaceladas” e “em pedaços”. Assim, elas apresentam vivência e ressignificação de valores tradicionais da experiência camponesa ao mesmo tempo que convivem com as regras impessoais do mercado.

Os textos revelam sujeitos que almejam ficar na terra de morada e sofrem com os preconceitos do presente e as incertezas do futuro. As reflexões apresentadas nos cinco estudos objetivam analisar a vida nos assentamentos a partir dos sujeitos. Para tanto, as autoras desenvolvem análises no interior desses espaços procurando entender como a reforma agrária se concretiza e, ainda, quem são os sujeitos por ela beneficiados, como organizam a vida neste espaço físico e social permeado por conflitos entre os próprios sujeitos, e também entre estes, o Estado e os mediadores. Analisam do mesmo modo as estratégias de permanência na terra – a sociabilidade, as relações de vizinhança, de parentesco, as trocas – ante a lógica economicista do mercado, utilizando a memória para realizar o resgate dessas histórias em construção.

A luta pela terra é demonstrada pelas famílias por meio dos depoimentos apresentados em dois momentos que se comple-

mentam e conferem sentido às relações sociais: o acampamento e o assentamento. O tempo da lona significa uma vivência de extrema indefinição e insegurança, e também de surpresas quase sempre dolorosas.

Esse mundo social abriga um conjunto de significados e representações do mundo e da vida em grupo e reflete as experiências passadas e os valores construídos na trajetória de cada família. Ao chegarem aos assentamentos, é possível que as famílias estabeleçam novos laços e amizades, o que possibilita o nascimento e o renascimento de experiências e de projetos para o futuro, iniciando-se, assim, um processo de ressocialização. No entanto, como mostram as autoras, percebe-se também uma vivência conflituosa e difícil. É importante sublinhar que a chegada e a permanência na terra são momentos da passagem de “uma vida residual marcada pela pobreza” para uma “terra-talento”. Isso ocorre uma vez que no assentamento as famílias vivenciam uma situação de pertencimento ao mundo e, também, uma relação de “ser e estar no mundo” com dignidade, mesmo que, em alguns casos, elas permaneçam na condição de pobreza.

Os textos revelam que a vida na terra apresenta uma qualidade superior à vida de outrora. Observa-se que a terra não é sinônimo de riqueza nem um elemento que possa trazer riqueza. Nesse contexto, conquistar a terra, por meio da reforma agrária, significa para as famílias que elas são “donas de seu chão”, que enfim são “aposseadas”.

Além desses sentidos das travessias que demandam esforços os mais variados, existe ainda a surpresa que constitui a tarefa de chegar a algum lugar, ao novo lugar, a um ponto de chegada que se configura no imaginário de cada família. Mais uma vez, ante esse olhar sobre as vidas nos assentamentos de reforma agrária, reforça-se a imagem das travessias como forma e con-

A vivência da reforma agrária nos assentamentos

teúdo de uma vivência social inserida em um contexto histórico no qual o papel desempenhado pelos sujeitos – homens, mulheres, crianças e jovens – é mais incompreendido do que geralmente se pensa.

Essas travessias são inconclusas, uma vez que são processos constantes na inconstância. As travessias nos assentamentos não ocorrem apenas em harmonia, mas se constroem tensionadas por conflitos, temores e medos. Observam-se espaços de instabilidades e (re) equilíbrios que se mostram nas relações sociais e nos interesses marcados por *continuidades* e *descontinuidades*.

Muitas vezes, as famílias vivem sentimentos de desencanto diante da necessidade de reconstruírem o lugar da morada. Isso ocorre devido a um conjunto de situações contínuas e descontínuas nas quais se observam incompatibilidades entre os objetivos dos mediadores e os valores, a cultura, o modo de vida, os desejos e os sonhos de cada mulher e de cada homem assentados, cuja família é a centralidade da vida.

Nas redes de relações, mais ou menos conflituosas, observam-se o renascimento dos sentimentos de solidariedade e das antigas relações de vizinhança, além da presença dos contratos orais imprimindo características incomuns à lógica do mercado. Essas estratégias familiares denotam especificidades na vida dos assentamentos estudados. Enquanto as características dos assentamentos são mais ou menos comuns, os caminhos trilhados pelas famílias apresentam-se diferentes, tendo em vista que nesses caminhos o modo de vida se recompõe.

A concepção de assentamento como travessia sujeita a conflitos sociais em diversos âmbitos aparece nas reflexões de todos os textos do livro. Os assentamentos rurais significam, assim, um período novo para as famílias, porém um momento difícil nas suas vidas durante o qual experimentam o encantamento e o

desencantamento, o conhecido e o desconhecido, o existente e o que está por vir.

Essa realidade indica que os assentamentos rurais no Brasil devem ser entendidos a partir de uma temporalidade dinâmica e também conflituosa, vale dizer, como uma travessia marcada pelo devir e não concebida como algo definitivo, como realidades e modos de vida já concluídos. Os assentamentos são experiências e representações da terra de trabalho e de morada que exploram os possíveis e criam oportunidades e possibilidades de permanência ou de ruptura do tecido social.

Sob esse prisma, é possível vislumbrar, no conjunto da obra, a perspectiva das travessias; a incompletude permanente dos projetos; a mudança com continuidade; o moderno com resquícios do arcaico. Nesse sentido, o passado indica caminhos no presente, mesmo reconstruídos a partir de uma memória “dilaçada” que, pouco a pouco, possibilita um processo de ressocialização na redefinição desse presente rumo a um futuro inconcluso e indefinido. Desse modo, as famílias escrevem e reescrevem suas histórias na travessia, nas relações sociais abertas e tecidas nos assentamentos, onde nada se completa uma vez que tudo se refaz em um movimento de descontinuidade ou, talvez, marcado por uma continuidade muito maior.

A ambigüidade se faz presente nos sonhos e nas estratégias familiares em que o novo nem sempre é engendrado e o antigo emerge. São essas experiências que fazem deste livro um importante referencial para os estudos dos assentamentos, porquanto ele apresenta a vida como um processo: as travessias. Não há precisão do ponto de partida nem do ponto de chegada,

A vivência da reforma agrária nos assentamentos

pois o caminho se faz na travessia. Um percurso que confirma: a “vida é difícil de ser vivida”².

MARTINS, José de Souza. (coord.) *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, 294p.

² Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.